

A influência dos acompanhantes na aula de música em formato remoto para crianças do ensino maternal

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA-2. Educação Musical

Janice Vallo Dias da Silva
Universidade Federal de São João del-Rei
janicevallo@yahoo.com.br

Edilson Assunção Rocha
Universidade Federal de São João del-Rei
ediassuncao@hotmail.com

Resumo: o presente trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento do Programa de Pós graduação em Música da UFSJ, que tem como objetivo geral: identificar a influência da mediação dos acompanhantes na participação das crianças do ensino maternal nas aulas de música, em formato remoto, no período de fevereiro a setembro de 2021, durante a pandemia. Este artigo enfoca a criação de uma tipologia para a classificação dos acompanhantes a partir do tipo de interação durante as aulas remotas. A partir de observações diretas e indiretas, chegou-se à conclusão de que poderiam ser agrupados em três tipos: ativo, passivo e ausente. Esta classificação se tornou útil devido a não haver pesquisas aprofundadas até o momento sobre o papel dos acompanhantes durante a pandemia.

Palavras-chave. Musicalização infantil, Pandemia, COVID-19

Title. The influence of companions in music class in remote format for kindergarten children

Abstract. The present issue is part of an ongoing research of the postgraduate course in music at UFSJ, which has the general objective: to identify the influence of the mediation of companions on the participation of children from kindergarten in music classes, in a remote format, in the period from February to September 2021, during the pandemic, and, consequently, to find out how the musical teaching-learning process took place. This paper ties to create a typology to made the classification of companions based on their atuation in on line classes. The classification is: active companions, passive and absent. This research was made using direct and iundirect observation and can be considered utile because we don't have many datas about the companions in virtual classes during the pandemic.

Keywords. Children's musicalization, Pandemic, COVID-19

Introdução

*Privilegiada é a criança que tem espaço para ser criança.
Privilegiada é a criança que é ouvida e acolhida por adultos sensíveis.
Privilegiado é o adulto que tem espaço no seu coração para ouvir e aprender com as crianças.*
Adriana Friedmann

A presente pesquisa surgiu a partir das transformações emergenciais necessárias durante a COVID-19, a partir de março de 2020, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Com a suspensão das aulas presenciais e a adoção do distanciamento social, as escolas buscaram meios para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem. No Colégio Santa Catarina de Juiz de Fora - MG, não foi diferente: buscou-se caminhos e ferramentas para a adaptação do ensino presencial para o ensino remoto.

Brincadeiras musicais, cirandas, jogos, histórias cantadas, musicalização, recreação com música são possibilidades de socialização, aprendizado e envolvimento muito enriquecedor, onde a criança está inserida e em seu processo de conhecimento de mundo. A música está presente em todos os caminhos, seja ela de forma direta ou indireta, ressaltando “que cada criança é única e percorre seu próprio caminho no sentido da construção do seu conhecimento, em toda e qualquer área” (BRITO, 2003, p.40), mas com a transposição do ensino, surgiram várias dúvidas do “como” ministrar aulas virtualmente, uma vez que tal prática não fazia parte do cotidiano escolar. Com a necessidade do ensino ser à distância, veio também muita apreensão e adequações para atender as crianças da educação infantil.

Assim, com a necessidade abrupta de mudança na forma de dar aula, surgiram os desafios, inseguranças e incertezas do “como seria” a partir de então. Desafios humanos e tecnológicos foram surgindo, trazendo novos olhares, cuidados e adaptações necessárias para a continuidade das aulas, agora em modalidade remota, desafios estes que partiram desde as ferramentas a serem utilizadas, limitação de acesso à internet, materiais de acesso e compreensão do uso das ferramentas adotadas, até ao isolamento e distanciamento social de todos durante a pandemia, fazendo com que muitas famílias adequassem suas rotinas familiares com as rotinas escolares virtuais de suas crianças, além do trabalho em *home office* de muitos pais nesse período, ocasionando muitos obstáculos durante a pandemia.

Nesse novo contexto, o ensino musical que até então era praticado em um mesmo ambiente e espaço, entre explorações e experimentações musicais, passou a ser vivenciado em uma nova forma de “presencialidade” entre professor, alunos e família – distantes fisicamente, cada qual em seu ambiente doméstico, interagindo a distância, o chamado ERE, Ensino Remoto

Emergencial. Dessa maneira, um novo ator surgiu no meio desse processo, com a missão de possibilitar a conexão entre professores e alunos, e cuja interferência pode não ter sido suficientemente estudada: o acompanhante.

O acompanhante foi o responsável por realizar ações não muito bem definidas, que não constam em nenhuma norma com finalidade pedagógica, mas que no fim seriam indispensáveis para o funcionamento do ensino remoto, ações essas que foram muitas, indo desde a montagem e a gestão de equipamentos de informática, até a motivação das crianças e a manutenção de condições mínimas para as aulas no ambiente doméstico.

Desta forma, surgiu a reflexão a respeito da influência desse mediador no processo de ensino remoto, e percebeu-se a importância de se conhecer um pouco melhor acerca desse personagem para o processo de ensino-aprendizagem musical.

Este artigo então, tem como objetivo conhecer melhor o acompanhante, no contexto do ensino maternal do Colégio Santa Catarina de Juiz de Fora - MG, durante o período da pandemia da COVID 19. Trata-se de um recorte de pesquisa em andamento, na qual se pretende identificar a influência dos acompanhantes nos processos de ensino e aprendizagem neste mesmo período e local. Este trabalho se baseia em ações de campo a partir de aulas ministradas remotamente para três turmas do maternal, no período de fevereiro a setembro de 2021.

Pesquisa participante, para a qual foi escolhida uma abordagem qualitativa porque se mostra pertinente, afinal percebeu-se que se tornou necessário “compreender a realidade pela visão dos pesquisados como forma de aproximação entre a vida e o que vai ser investigado” (ZANETTE, 2017, p.153). E possibilita investigar fenômenos sociais e comportamentais do ser humano, frente à sua localidade e cultura específica, bem como “privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais” (MARTINS, 2004, p.1).

Ensino à Distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE)

Dois conceitos de ensino não presencial entraram em voga diante dos desafios educacionais advindos da pandemia do COVID 19: o Ensino à Distância, EaD e o Ensino Remoto Emergencial, ERE. Moreira, Arruda, Oliveira e Lemgruber (2020) exemplificam essas expressões utilizadas durante a pandemia, demonstrando suas particularidades e especificações a respeito de cada uma.

O EaD é uma modalidade na qual os alunos não precisam estar fisicamente presentes em um local específico para aprender.

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017).

Além da utilização de tecnologias de comunicação como vídeos e áudios via internet, o ensino pode ocorrer de maneira híbrida, utilizando recursos complementares como textos impressos e outros materiais para a fixação de conteúdos e monitoria. Possui também tutores para auxiliar e tirar dúvidas quando necessário, bem como polos de atendimento e acesso presencial. Também oferece uma infraestrutura de suporte, com ferramentas, salas de estudos e aplicação de provas, em pontos centrais de localização nas cidades e regiões metropolitanas. Já o ERE oferece condições de interações simultâneas, de forma a dar continuidade aos estudos, trazendo proximidade ao que era de costume no ensino presencial (ARRUDA, 2020, p. 262). É utilizada em situações temporárias, que impedem que as aulas sejam feitas presencialmente, como foi no período da pandemia.

Embora o EaD apresente uma certa semelhança ao ERE, ambos se diferenciam pela estrutura que o EaD oferece, com materiais e professores capacitados e treinados para a função, com polos de suporte e materiais de apoio. Já o ERE foi uma adaptação no qual cada escola procurou usar ferramentas tecnológicas e práticas didáticas que fossem possíveis a cada localidade, frente a uma emergência pandêmica mundial, fazendo com que professores e alunos aprendessem a lidar com todos os desafios estruturais e tecnológicos, além do emocional.

Dentro da modalidade do ensino remoto, há mais dois termos que são utilizados, assim como mostra Oliveira (2020): aulas síncronas e aulas assíncronas. A aula síncrona é a interação entre professor e aluno ao vivo, ou seja, eles estão conectados ao mesmo tempo em uma plataforma de comunicação, permitindo a comunicação em tempo real, com troca de ideias e aprendizado colaborativo. A aula assíncrona é uma atividade em que o aluno tem acesso ao conteúdo em diferentes momentos, sem a necessidade de estar conectado ao mesmo tempo com o professor. Dessa forma, os alunos organizam suas próprias rotinas e assistem às

atividades e as aulas de acordo com sua disponibilidade de horário, interagindo com o professor e colegas por meio de outras ferramentas de comunicação.

Destacamos, aqui, o ERE por ser esta a modalidade de ensino adotada pela instituição pesquisada, e que conseqüentemente, se tornou um dos contextos de estudo deste trabalho.

Desafios do ensino remoto

O ERE trouxe diferentes desafios como a falta de acesso aos recursos tecnológicos, como a internet, por exemplo, uma vez que não há possibilidades de conexão em todos os lugares e esta seria uma ferramenta imprescindível para que essa modalidade de ensino ocorresse. Como demonstram Pereira e Oliveira (2020, p.242), “é necessário considerar ainda, conforme a mais recente pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2018), que 58% dos domicílios no Brasil não têm computadores e 33% não têm qualquer acesso à internet”.

Não só a falta de acesso à internet foi um fator de impedimento, mas também a capacitação necessária aos envolvidos – professores, alunos, família - para manusear recursos como computadores, *tablets*, programas, *sites*, *links* de acesso. Essas ferramentas, que até então não faziam parte do cotidiano escolar nem familiar, uma vez que as crianças de primeira infância estão aprendendo, nesse primeiro momento, a socialização, convívio social, interações e conhecimento de mundo de forma presencial, sem contato direto com ferramentas tecnológicas, se tornaram o meio de acesso a conteúdos escolares, impondo uma transição atribulada para ensino remoto emergencial. Um dos desafios enfrentados por muitos professores, pais e demais profissionais era, além de não possuírem computadores, câmeras e fones de ouvido disponíveis em suas residências, muitas vezes dispunham de apenas um aparelho para atender a todos da residência.

Em consequência disso, a mediação entre escola e família, que sempre foi importante, se fez crucial nesse momento para se intensificar e compreender todas as adversidades e demandas adotadas pela instituição, de forma a compreender todo o planejamento que seria utilizado e, assim, trabalhar em conjunto para minimizar os danos provocados pelo isolamento social. No caso do ensino de música não foi diferente, principalmente ao educador musical, uma vez que as plataformas de transmissão foram criadas para atividades que utilizassem a voz, e não outras fontes sonoras. Isso acarretava transtornos principalmente para as atividades síncronas, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem. (LOURO, 2020)

Esses desafios e adaptações trouxeram aprendizados e também partilhas que foram sendo feitas em prol de uma continuidade aos estudos dos alunos. Eles trouxeram para o cotidiano escolar, possibilidades de experiências musicais até então não oportunizadas no formato presencial, além da proximidade das famílias com a escola no processo de desenvolvimento musical de suas crianças.

O ensino de música remoto no Colégio XXX

Com a pandemia, todo o corpo docente do colégio teve que se estruturar para atender os alunos. Esse processo, carregado de incertezas, ocorreu em menos de quinze dias, demandando dos professores o conhecimento sobre as novas formas de se trabalhar, os novos horários e materiais que iriam passar a fazer parte do cotidiano escolar.

Até então, todos os professores, coordenação e gestão colaboraram para que todos pudessem aprender e fazer uso das ferramentas. Muitas trocas e compartilhamento de materiais eram rotineiros e tinham o intuito de auxiliar, avaliar e corrigir se necessário, o material e o processo utilizado. O *Teams* foi a ferramenta *hub*¹ de colaboração da Microsoft 365 escolhida pela instituição, para integrar simultaneamente os alunos nas aulas virtuais, além de possibilitar outras ferramentas de suporte e interação entre professor e aluno, podendo ser síncrona ou assíncrona.

Quando as aulas síncronas foram iniciadas, foi o momento mais desafiador, pois havia muitas dúvidas em relação a diferentes aspectos envolvidos nas aulas síncronas: os procedimentos utilizados, o controle dos áudios, as gravações das aulas, a exposição de imagem, a instabilidade de conexão, entre outros. Resumidamente, muitos comandos e procedimentos tinham de ser feitos em um período curto de tempo, além do conteúdo a ser trabalhado.

Essa mudança emergencial no formato de ensino fez com que as famílias se organizassem e estruturassem suas casas, espaços e suas rotinas de acordo com os horários escolares e atividades propostas, trazendo muitos desafios de adaptação, sendo um deles, a necessidade de alguém assumir a mediação entre o aluno e o professor durante as aulas remotas síncronas e assíncronas. Este mediador é aqui chamado de acompanhante.

O Acompanhante e suas classificações

¹ “Hub” é uma plataforma que permite a integração de diversas ferramentas e sistemas em uma única plataforma centralizada, integrando diferentes canais de comunicação, como e-mail, chat, videoconferência e outras ferramentas de comunicação em um único lugar.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário estabelecer tipologias que permitissem a classificação e compreensão do papel exercido pelos acompanhantes das crianças no ensino remoto. O termo acompanhante então foi utilizado neste estudo para identificar a pessoa responsável pela preparação do ambiente de estudo, gestão dos equipamentos de informática e a supervisão das crianças durante os encontros síncronos. Preferiu-se o termo acompanhante em detrimento dos termos: responsável, pais ou mesmo adultos, devido à perspectiva deste acompanhamento poder ser exercido por empregados domésticos, pessoas com graus diversos de parentesco, tais como irmãos mais velhos, tios ou avós. Um dos fatores de interesse em torno dessa figura reside no fato de ser alguém que não existe no ensino regular.

No início das aulas no formato remoto, os acompanhantes responsáveis pelas crianças receberam orientações para a condução das aulas como, por exemplo, deixar as câmeras ligadas e microfones desligados para uma boa compreensão das aulas para evitar interferências externas de todos os envolvidos e para que a professora pudesse visualizar e conhecer as crianças. Pode-se dizer que esta foi a única informação oferecida à título de treinamento, e que instruções de caráter pedagógico não foram ministradas. A atuação do acompanhante aconteceu de maneira completamente espontânea, conforme o juízo, interesse e a conveniência de cada um destes, sem que a instituição sugerisse ou impusesse algum tipo de comportamento padrão no que tange a mediação dos processos de ensino e aprendizagem.

A análise da atuação dos acompanhantes foi realizada dentro das possibilidades e limitações que o ERE ofereceu. Muitas vezes não era possível uma observação direta, pois o foco das aulas eram naturalmente os alunos. Por isso, a maior analisada das interações entre aluno e acompanhante foram desenvolvidas a partir da reação das crianças. Também falas e sons originados fora do que a tela mostrava, e que puderam ser captados pelos microfones, serviram para essa análise.

Após o período de aproximadamente oito semanas, foi possível constatar que a presença e a participação dos acompanhantes apresentavam características próprias. Havia os que permaneciam com a câmera e áudio ligados; os que deixavam a câmera e áudio desligados; os que mantinham a câmera ligada e o áudio desligado; e também os responsáveis pela criança que se revezavam como acompanhantes nos encontros síncronos. A partir dessas constatações, foi possível estabelecer diferentes perfis para os acompanhantes, a saber: ativo, passivo e ausente.

O acompanhante ativo

Este perfil era frequente nos encontros síncronos e participava ativamente das atividades com a criança, sendo um fator determinante na mediação das atividades de musicalização. A categorização desse perfil partiu de três critérios: se havia iniciativa por parte do acompanhante durante toda a aula, se a troca de olhares entre ele e a criança eram constantes, e se havia a realização das atividades junto com ela. Este perfil de acompanhante demonstra alguém que busca motivar, realizando esforços efetivos para a realização das tarefas, que aparentemente entende a importância da aprendizagem musical e que muitas vezes parecia estar também em um processo interativo no qual compartilhava os conhecimentos e recebia de bom grado o ensino. Pode-se dizer de alguém que estabeleceu afetos positivos numa relação muito rica dentro do processo do ERE, uma vez que ofereceram um panorama repleto de informações para análise.

O acompanhante passivo

Já este perfil não participava integralmente das atividades e permanecia apenas observando, mesmo estando junto à sua criança. A categorização desse perfil partiu de três critérios: se mostrava mais reservado, se não estimulava a ação e se as trocas pareciam superficiais. Este perfil surge como uma espécie de supervisor, estando presente fisicamente com um possível viés disciplinador, sem a intenção de se apropriar de algum conteúdo trabalhado e mantendo uma atitude neutra. As reações das crianças com este acompanhante eram escassas, sendo que na maioria das vezes aqueles não se conectavam com o assunto da aula. Era possível identificar que estavam no ambiente, mas buscando não interferir na aprendizagem.

O acompanhante ausente

O acompanhante ausente se diferenciava dos demais porque deixava a criança assistir às aulas de musicalização sozinha. Aparentemente tomava as ações iniciais para o desenvolvimento da aula, como ligar o equipamento, conduzir a criança ao computador, estabelecer alguma ordem, para em seguida dar por cumprido o seu papel e talvez se retirar do recinto. O problema que decorria disso era que a participação da criança era comprometida, pois ela não sabia ligar e desligar a câmera e o microfone de acordo com as demandas das atividades; a criança saía do visor e da aula e não voltava; o microfone permanecia ligado, atrapalhando a dinâmica da aula; e, por algumas vezes, a criança dormia. Outra característica deste acompanhante era a câmera e áudio desligados, como se estivessem ausentes durante as

aulas síncronas. A categorização desse perfil partiu de três critérios: pouco indício de presença, falta de atitude, e interação nula, ou quase.

A partir dessas participações diferenciadas que os acompanhantes foram demonstrando durante os encontros síncronos, foi possível estabelecer essa tipologia, que serviu como referencial para a criação de grupos a partir das quais será possível estabelecer que tipo de interferência e quais os resultados que estes atores tiveram no processo de aprendizagem remoto. Essa mediação, ausente no modelo de ensino tradicional, foi um elemento crucial na interação professor x aluno e certamente trouxe implicações que poderão ser levantadas em momento oportuno.

Considerações finais

Apesar dos desafios enfrentados, o ensino remoto emergencial possibilitou uma maior aproximação entre família e escola, principalmente em situações em que os alunos eram crianças pequenas. O formato remoto possibilitou um acesso à realidade, ao ambiente do educando que talvez não seja possível no formato presencial através de reuniões com os responsáveis ocorridas semestral e anualmente. A participação dos acompanhantes neste trabalho, nas atividades síncronas das crianças trouxe uma reflexão em relação à parceria necessária entre família e escola para o bom andamento de um processo que é a educação do indivíduo.

Ao tomarmos o acompanhante como sujeito deste recorte de pesquisa, não podemos deixar de considerar outras reflexões que o ensino remoto suscitou como as demandas impostas aos adultos com filhos, principalmente os do sexo feminino, e aos profissionais da educação que tiveram que lidar com uma carga de trabalho maior sem terem sido preparados para tal. Por trazerem questões de ordem social, histórica, econômica, que transcendem as questões pedagógicas retratadas neste trabalho, essas reflexões se mostram como temas pertinentes para estudos posteriores.

É importante ressaltar que não se busca realizar um juízo de valor, como se uma tipologia ou outra indicasse comportamentos mais ou menos morais. O aspecto que não pode ser desprezado é exatamente o enorme desafio que o ensino remoto representou e o que cada um conseguiu realizar no trato com o ensino e aprendizagem de suas crianças. Certamente, pessoas que receberam pouco ou quase nenhum treinamento, acossados por um situação de saúde pública alarmante, tendo suas rotinas e afazeres transformados radicalmente não podem

ser rotulados. O que se espera com esse artigo é que contribua para a compreensão de um momento histórico no qual grandes desafios tiveram que ser vividos por toda a sociedade.

O desafio da mediação desses acompanhantes durante as aulas de música no período remoto pode ser demonstrado pelas falas de alguns deles, coletadas por meio de entrevistas que pretendem dar a conhecer melhor esse agente, e que serão melhor detalhadas em outras pesquisas:

(...) é... no início foi um pouco difícil, mas pela resistência do [nome da criança]. Porque pra mim conciliar, pra eu poder conciliar com o meu trabalho não é, não foi difícil porque eu trabalho online há muitos anos então assim, eu tinha um horário disponível para acompanhar a aulinha com ele. É... foi difícil ele né, teve no início. Ele não queria muito assistir, ficava muito disperso.... Da maior dificuldade que eu vi foi de trazer a atenção dele pra aula online (Entrevistado 6).

Complicado. Foi complexo porque uma criança de três anos no início do ano ela tinha três anos a questão de ficar parada em frente ao computador parecia ser impossível, não queria. Você colocar sentado olhando pra tela. Não queria mesmo e a própria possibilidade de fazer a aula solta no espaço, acabava que o espaço né, por ser a casa, né, ser o espaço que as coisas dela tá lá chamavam mais atenção do que o próprio, a própria aula online (Entrevistado 10).

Esperamos também que esta pesquisa venha contribuir no meio acadêmico e no âmbito escolar, reforçando a importância da família no processo educativo das crianças e sua relação com a escola, ressaltando sua relevância na formação do indivíduo. Participação ativa e efetiva no decurso escolar, entre família/escola, principalmente durante a primeira infância, auxiliando na construção de estratégias para o ensino musical quer online, quer presencial. Mais além, o presente trabalho pode contribuir para outras pesquisas na medida em que estabelece critérios para classificar este ator que foi tão pouco estudado.

Referências

ARRUDA, Eucidio Pimenta. EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede** - Revista de Educação a Distância, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 257–275, 2020. DOI: 10.53628/emrede.v7i1.621. Disponível em: <<https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>>. Acesso em: 13 mar.2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - Educação Infantil. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em 07 jul 2021.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**. Ed. Peirópolis. São Paulo. 2003, p.40.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. **Educação a distância: para além dos caixas eletrônicos.** *Portal do MEC.* Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf>. Acesso em: 13 mar.2023.

LOURO, Viviane; LOURO, Fabiana dos Santos; DUARTE, Plínio Gladstone. O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. **Revista Música**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 379-396, 2020. DOI: 10.11606/rm.v20i2.178817. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/178817>>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004. Scielo, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt>> Acesso em: 24 ago. 2020.

MOREIRA, José António & Schlemmer, Eliane. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. *Revista UFG*, v. 20. DOI: 10.5216/REV UFMG.V 20.63438. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343107562_Por_um_novo_conceito_e_paradigma_de_educacao_digital_onlife> Acesso em 13 mar.2023.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima et al. Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático. 30 p.: il. (Coleção Ensino Remoto no PLE; 1) ISBN 978-85-7946-342-6. Recife: **EDUFRPE**, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrpe.br/sites/www.ufrpe.br/files/DI%20c3%81LOGOS%20COM%20DOCENTE%20SOBRE%20ENSINO%20REMOTO%20E%20PLANEJAMENTO%20DID%20c3%81TI%20CO.pdf>> Acesso em: 13 mar.2023.

OLIVEIRA, Bianca Rodrigues et al. Recursos tecnológicos potencializadores do ensino não presencial em tempos de pandemia da COVID-19. **REBECIN**, São Paulo, v. 7, número especial, p. 129-155, 2020. DOI: 10.24208/rebecin.v7iespecial.204. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35254>> Acesso em: 25 mar.2023.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros & OLIVEIRA, Mário André Wanderley. (Re)Ações da Associação Brasileira de Educação Musical em tempos de pandemia: entre adaptações e a construção de um novo futuro. **Revista Música**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 239-258, 2020. DOI: 10.11606/rm.v20i2.179804. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/179804>> Acesso em 13 mar.2023.

ZANETTE, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 149-166, jul./set. 2017.